MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, Nº 48 - 2º ANDAR
museufreigalvao@bol.com.br

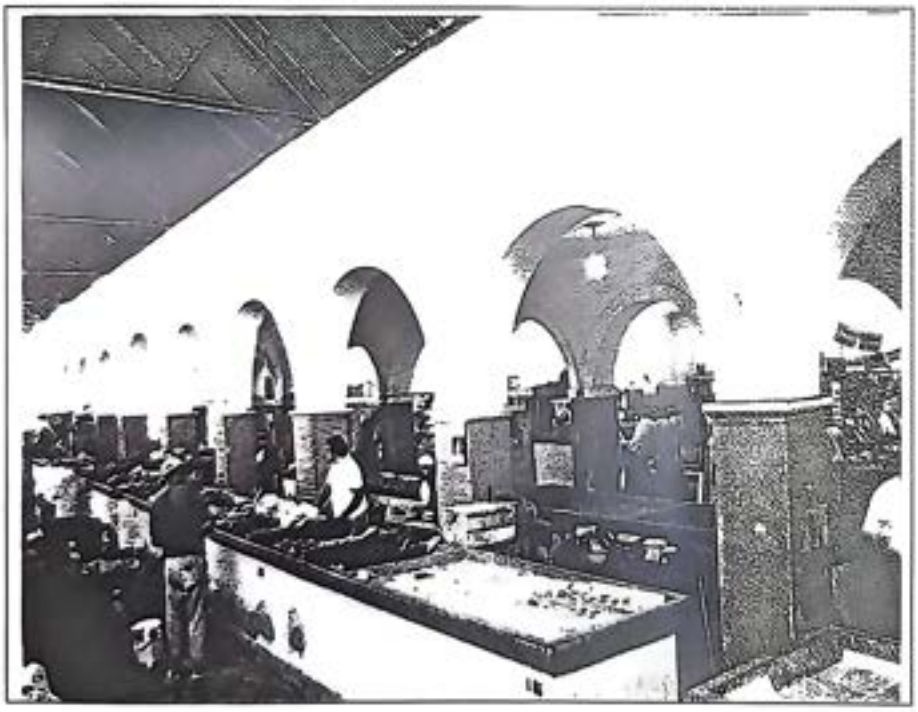
2005 n º 257

O MERCADO MUNICIPAL DE GUARATINGUTÁ E SUA ARQUITETURA

O Mercado Municipal de Guaratinguetá, apesar de muitas modificações e, até mesmo, um **incêndio parcial**, conserva ainda muitas características arquitetônicas que chamam a atenção de engenheiros, arquitetos, historiadores e, enfim, de todos que se interessam por arte.

Ele está situado no que a Profª Maria Ap. Coupê Schmidt denomina *"Eixo Histórico-Cultural da Rua Dr. Martiniano"* do qual fazem parte, também, a Estação Ferroviária, o Museu Histórico e Pedagógico "Conselheiro Rodrigues Alves" e a Catedral de Santo Antônio, além de outros prédios de estilo eclético do início do século XX com influências da "art-nouveau" e outros "art-decó" (arte-decô) dos anos 30 a 50, como o Clube Literário e o Sobrado Vizinho a este. E, deste mesmo estilo, o Mercado ainda conserva muita coisa no seu exterior.

O Mercado Municipal de Guaratinguetá foi inaugurado em 7 de setembro de 1889, pouco antes da Proclamação da República. Até então, havia a feira, aos domingos, na praça principal, o que provocava grande sujeira após sua realização, como atestou Zaluar em 1860. Por essa razão cogitou-se em construir um "mercado" em edifício próprio. O que a Câmara Municipal levou a efeito a partir de 5 de abril de 1888 e sua inauguração deu-se a 7 de setembro do ano seguinte, com grandes festas cívicas e religiosas (1).



O novo edifício ergueu-se na Rua Dr. Martiniano com sua parte lateral direita, no Beco da Esperança ou Beco do Mello - nome este devido ao fato de o Capitão-Mor Manoel José de Mello ter residido na esquina da atual Rua Dr. Marechal Deodoro com a 9 de Julho, e em cuja casa se hospedou o Príncipe D. Pedro em 19 de agosto de 1822, onde pernoitou, quando se dirigia a São Paulo.

A obra foi financiada pela Câmara Municipal que, na

época, administrava a cidade através do Intendente, e, com auxílio do governo da Província. Para garantia desse empréstimo, a Câmara propôs dispor do imposto predial e outros impostos e taxas sobre açougues, carne-verde, etc. O edifício, como ainda hoje, tinha planta retangular, semelhantemente a outros mercados da época, como o de São Luiz do Paraitinga e o de São José dos Campos, recentemente restaurados em sua forma original. Constituía-se em um quadrilátero com galerias em arcos e partes internas centrais descobertas e trechos cobertos avançando fora das galerias. Havia também quatro lanços de galerias cobertas que se encontravam num quadrilátero menor no centro, no qual havia um belíssimo e imponente chafariz. Descrito por Ferreira Júnior e por Tuvira (2). Freqüentemente há pessoas perguntando-me onde está esse chafariz. Infelizmente tenho que dizer que não sei! Em uma recente pesquisa em uma mansão de Lorena, concluímos que ali não está.

A sua fachada principal com frente para a Rua Dr. Martiniano, tinha portas e janelas de lintel reto com pequena cimalha também reta. Na parte superior havia um atiço que corria por toda a "falsa" arquitrave, com alguns enfeites, tudo dentro dos moldes da arte neo-clássica vigente, ainda, na época de sua construção e sobre o atiço, que escondia as calhas e o beiral do telhado, havia, na esquina com a Rua do Mercado, uma estátua de Mercúrio, "deus grego do comércio", de modelo clássico. Um pequeno triângulo erguia-se no centro da cimalha.

Na fachada do seu lado direito, junto a atual Rua Nove de Julho, as portas eram em arco pleno e pilastras com capitéis da ordem arquitetônica toscana (uma das seis ordens arquitetônicas clássicas), em cujos cômodos se localizavam armazéns e açougues. Os açougues da, então chamada Rua do Mercado, eram destinados à venda de carne bovina apenas. A carne suína era vendida no interior do prédio!

O portão principal abria-se para a Rua Dr. Martiniano, com belos enfeites de bronze dourado e uma placa com o nome dos Vereadores que aprovaram, por unanimidade, sua construção e, em números dourados, estava inscrito na entrada, no chão, o ano da inauguração: 1889. Tuvira assim descreve: "- Obra de arte!! De ferro, bronze e latão, cheio de arabescos. Com as armas da cidade e a expressão que fazia a sua própria caracterização: MERCADO MUNICIPAL. Era tão grande e tão pesado que, para escancará-lo, suas folhas giravam num sistema de rodas. Na fachada, sobre o portão, havia uma grande placa de bronze com o nome dos vereadores que criaram o estabelecimento em 1889" (3).

Essa parte então considerada a fachada principal, na época do incêndio ocorrido em 1957, segundo nos informou Da. Joana, veterana do Mercado comportava os Escritórios da Light, o Bar do Loriggio, o Restaurante do Sr. Guido Marques, a Casa da Banha de Andrelino Cornetti, o Portão, a seguir, o Bar do Paço, mais conhecido por Bar do Seu Antônio Português, a Ferragem do Seu Paulinho, a Papelaria do Seu João Zaccaro e, na esquina, abrindo para as ruas Martiniano e a atual 9 de Julho a casa comercial "Marcondes & Cia": "Fábrica de Arreios" e "Depósito de Arados", porém comerciava outros artigos relacionados a estes. Tuvira, entretanto, dá uma distribuição diferente das lojas. Porém, descreve efusivamente o Portão principal.

Internamente havia 4 alas cobertas, 3 delas ainda existentes, onde ficavam vendedores de cereais, etc. Do lado direito de quem entra pela atual Rua do Mercado, ficavam os armazéns abrindo para essa galeria de arcos. Ao fundo, ficavam os açougues de carne suína e uma peixaria. Abrindo para a ala do lado esquerdo, ficavam vários restaurantes, um dos quais provocou o incêndio de 1957.

A parte central, contornada pelas arcadas ainda existentes, era cruzada por 4 espécies de galerias cobertas formando uma cruz que, porém, não se cruzavam, pois, ao centro, em área também coberta, ficava um grande e belo chafariz. Entre essas colunatas havia as partes descobertas, os chamados solários, que davam claridade e arejamento ao Mercado, hoje tão

abafado. No centro havia uma coluna de ferro com caneluras com uma altura de uns 3 metros, encimada, por uma estátua. Tuvira ajudou-me a lembrar outros detalhes: a grande "bacia" era de pedra portuguesa e sextavada; grandes gárgulas de bronze, quando acionadas, faziam jorrar abundante água. Dele se abasteciam comerciantes e fregueses do Mercado.

As chamadas "reformas" tiveram início, salvo engano, em 1935, pois, em seu relatório referente a esse ano, o Prefeito Diomar Pereira da Rocha dá contas de reformas no Mercado, sem pormenorizá-las.

O Relatório do Prefeito Joaquim Vilela de Oliveira Marcondes referente ao exercício de 1941, publicação no jornal "O Paraíba" de 31 de janeiro de 1943 diz:

"Concluíram-se as obras de remodelação do Mercado com uma área de 4.200 m. e pela reconstrução da fachada e telhado da ala da rua Dr. Martiniano e pela do piso central, que se fez novo em toda a área do edifício. No terreno anexo denominado Amarradouro se construiu uma sentina pública de acordo com as exigências sanitárias, assentando-se 6 instalações para homens e 2 para mulheres. Construiu-se no mesmo local 1 cocheira com 51 metros quadrados e uma garage com 106 metros de área coberta e fechada".

Na parte interna, conservaram-se os arcos e as áreas descobertas e, na externa, deu-se um acabamento de estilo "art-déco" (arte-decô), então em moda, segundo fotos que acompanham o relatório. Com a recente construção da nova sede do Clube Literário e de um sobrado vizinho a este, ambos do mesmo estilo, tinha-se aí um belo conjunto arquitetônico, do estilo que a cidade de Miami, USA, tem recuperado e transformado em atração turística. Contrapondo ao estilo "art nouveau", todo cheio de curvas delicadas, a "art déco" usava como principal elemento decorativo, a linha reta e com ela, seus inúmeros ângulos.

A ala do Mercado que dava para a Rua Dr. Martiniano, sofreu um **incêndio em 1 de julho de 1957** iniciado em um restaurante. **Esse lado do Mercado foi totalmente demolido e a arcada foi fechada por paredes**. Hoje, no lugar, há um estacionamento de carros. Portanto, a maior parte do edifício subsiste até agora. Essa ala poderia muito bem ser reconstruída, ampliando o espaço interno. Os carros podem, muito bem, ir estacionar no terreno já preparado nos fundos do Mercado.

A atual distribuição de seus equipamentos arquitetônicos é fruto de reformas por volta de 1971. Porém, de sua valiosa arquitetura inicial, nos moldes dos antigos mercados da região, temos hoje a estrutura quadrangular e os arcos-plenos que circundam a sua parte interna formando quatro corredores laterais, com certo aspecto de galeria clássica com seus pilares da ordem arquitetônica toscana e que tem causada a admiração de arquitetos e outros artistas e que, devidamente tratada, daria um visual digno de sua arquitetura. Deve-se notar que o corredor paralelo à Rua Dr. Martiniano tem um de seus lados em arcada cega como vimos acima.

Há mais de cem anos, portanto, o nosso Mercado constitui-se em um tradicional e importante espaço, no centro da cidade, destinado ao convívio social dos mais diversos segmentos da comunidade, caracterizando a prática democrática em sua mais espontânea manifestação. Destaque-se, ainda, a possibilidade oferecida a pequenos negociantes e produtores quer de bens rurais, como os da Colônia do Piagui ou artesanais, a possibilidade de colocarem bens de consumo sem grande dispêndio de capital imobilizado, democratizando, também, o comércio. Muitas pessoas começaram sua vida de trabalho carregando cestas no Mercado, quando eram crianças ou vendendo frangos em suas imediações. Juntamente com os diversos produtos comercializados, o Mercado é uma vitrine viva dos trabalhos artesanais produzidos no município, e até mesmo poderia sediar uma "Feira Permanente de Artesanato" ou, por exemplo, um espaço privilegiado para os famosos "docinhos de Guará", bem no centro da cidade, atraindo turistas desejosos de levar alguma coisa característica de nosso município.

Aliás, Ferreira Júnior em seu livro "Guaratinguetá", em 1962 assim diz do Mercado: "Era

além de prodigioso celeiro do povo, um verdadeiro logradouro público". E havia o Salão de Simeão Miné, "com um vasto engenho a um canto e um serviço de copos muito esmerado. Tomava-se uma gostosa garapa de cana escolhida. Era o ponto dos namorados. Logo que acabava a missa da Matriz era surpreendente o número de mocinhas e rapazes que superlotavam o Simão Miné... Era muito comum surgir a um canto um violeiro que despertava a atenção geral com seus ponteados dolentes e o canto amargurado do caboclo apaixonado. Oh! Como era divertido o Mercado daqueles tempos". Não faltou a referência seguinte: "A famosa farinha de mandioca do Putim era vendida aos litros em pirâmides de 'lá vai chorinho', como dizia o bom putiano" (4).

Anos depois, a parte interna e a externa do Mercado foram alteradas. Internamente foi ele transformado em uma estufa com a cobertura em cúpula, extinguindo-se os solários, e desapareceram as galerias transversais e o chafariz central. Externamente, os portões (um deles já destruído em um incêndio em 1957) foram agraciados com portas de aço assim como os cômodos da Rua 9 de Julho que não mais abrigam açougues - todos eles transferidos para a parte interna - e ocupam duas alas de boxes. Externamente atuam hoje armazéns, bomboniéres, cafés, etc...

A atual distribuição de equipamentos arquitetônicos é fruto de reformas feitas por volta de 1971. Porém, de sua arquitetura inicial, que seguiu os moldes dos antigos mercados da região, temos hoje a estrutura e os arcos que têm causado a admiração de visitantes entendidos em arte e tradição. Ainda temos, hoje, a estrutura quadrangular e os arcos-plenos que circundam sua parte interna em quatro corredores laterais, com certo aspecto de galeria clássica com seus pilares da ordem arquitetônica toscana, e que têm causado a admiração de arquitetos e artista. Contudo os arcos da galeria fronteiriça à Rua Dr. Martiniano desapareceram com o referido incêndio e ficou, então, uma arcada cega.

Como o nosso mais que centenário "Mercadão" situa-se no entorno de um "Monumento Nacional", a "Casa do Ex-Presidente Rodrigues Alves", tombada pelo IPHAN, e dentro do raio de 300 metros do mesmo Monumento Nacional que abriga o Museu H.P. "Conselheiro Rodrigues Alves", tombado também pelo CONDEPHAAT, e cujo prédio pertence à Secretaria de Estado da Cultura, qualquer modificação que se pretende realizar no Mercado depende de prévia autorização de ambas entidades, uma federal e outra estadual, conforme legislação tanto federal quanto estadual em vigor.

Notas: (1) Sobre a criação do Mercado e sua inauguração: *"O Mercado Municipal - 1889 /1989"* de Tom Maia, monografia nº 93 da série Histórica do Museu Frei Galvão. (2) Ferreira Júnior: "Havia bem no centro um enorme chafariz, em cima rodeado de várias correntes que descia até a borda de uns 70 cm de altura que circundava o poço, tendo à porta uma caneca. Era uma água potável deliciosíssima". (Guaratinguetá, pág. 43. Tuvira diz: Tinha um lindo chafariz português, de pedras lavradas, com dez bocarras e sifões de bronze. -Um verdadeiro monumento artístico. ("Rua da Estação"). Desse chafariz eu me lembro, ainda, de sua alta coluna de ferro com caneluras de alto a baixo e de suas enormes torneiras e do paço em pedra de lioz sextavado em secções curvas. (3) Lacaz, José da Silva (Tuvira), *"Rua da Estação"*, 1989 - ed. do Autor. Não há indicações do nº das páginas. Devido às características deste nosso trabalho, fizemos a transcrição como se o texto em prosa tivesse sido escrito (Perdão Tuvira!). (4) Júnior, Ferreira - *"Guaratinguetá"*, ed. do Autor, 1962, pág. 44-45 - A Missa referida era a das 10 h dos domingos, muito freqüentada pelas moças e por rapazes mais interessados nelas do que na Missa! - Fontes principais, além das citadas acima: Hemeroteca do Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu "Frei Galvão"; Arquivo do Museu H.P. "Conselheiro Rodrigues Alves"; Dona Joana e outros comerciantes do Mercado e o Arquivo do Autor.

Benedito Dubsky Coupé